

GUTENBERG: A ERA DA IMPRENSA

Adelcio Machado dos Santos¹

RESUMO

Este trabalho visa identificar as mudanças ocasionadas no período em que a imprensa de Gutemberg revolucionou a divulgação de ideias através de publicações. Reflete sobre os impactos causados na sociedade e sobre a posição da igreja em relação a este fato. Para isto, a primeira parte abordará a história de Gutemberg e seu invento. Em um segundo momento, abordamos os impactos causados pela prensa, passando por uma análise da necessidade humana com algumas relações com o poder e a comunicação até chegar às reações da igreja diante da possibilidade da maior veiculação do conhecimento até então restrito a uma pequena parcela da sociedade. Este trabalho busca compreender algumas das consequências que este invento causou na sociedade e sua força, que, certamente ainda sofre com o repúdio de quem deseja o poder, sendo na censura direta ou na dificuldade de acesso.

Palavras-chave: comunicação, imprensa, religião.

GUTENBERG: THE ERA OF PRESS

ABSTRACT

This work aims to identify the changes caused in the period when the press of Gutenberg revolutionized the dissemination of ideas through publications. It is also a reflection about the impacts on society and church's position regarding this fact. For this, the first part will focus on the Gutenberg's story and his invention. In the second part, we will address the impacts caused by the printing press, through an analysis of people's needs and additionally relations with the power, communication and church's reactions toward the possibility of this more expansive knowledge transmission until that time restricted to a small portion of society. This work seeks to understand some of the consequences that this invention had on society and its strength, which certainly still suffers from the repudiation of whom wishes the power, being in direct censure or difficulty of access.

Keywords: communication, press, religion.

¹ Pós-Doutor pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente e pesquisador da Universidade Alto Vale do Rio Peixe (Uniarp). Jornalista (MTE/SC nº 4155). Rua D. Pedro II, nº 176, Apto. 402, São José (SC), Brasil. E-mail: adelciomachado@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Regis Debray, no livro *Midiologia Geral*, comenta sobre a importância do traço, que demonstra como são importantes os registros para uma sociedade evoluída. A escrita, através dos seus códigos e posteriormente através da possibilidade de manter-se para a posteridade, introduz-se como essencial aliada para a manutenção dos mortos em uma sociedade.

O homem é o único ser vivo que é habitado pelos mortos; além disso, quanto mais civilizado for, maior será a presença deles em seu espírito. A humanidade é composta, dizia Auguste Comte, por um número de mortos maior do que o número de vivos. E ela ganha em cultura na medida em que aumenta, entre nós, o número dos ausentes. A escrita, que torna a palavra capaz de atravessar o espaço e o tempo, foi, durante um longo período, o único utensílio de sobrevivência dos desaparecidos e, portanto, de humanização do homem. Durante muito tempo, foi possível dizer: *verba volant, scripta manent*. O som vive, mas o traço sobrevive. (DEBRAY, 1994, p.269)

Debray, talvez, nesse trecho, já dê uma importante pista sobre os motivos de a igreja resistir tanto à presença da imprensa, bem como, até hoje, manter em altos níveis de segurança registros que pertencem exclusivamente a ela. Não é difícil admitir na crença de que as palavras de Debray eram, sim, muito bem compreendidas pelos que detinham o poder e mantinham o povo sob seus mandamentos.

Embora séculos tenham passado e a sociedade evoluído em muitos aspectos, a relação imprensa e religião nunca parecera tão harmoniosa como nos últimos anos, no entanto, seria esta uma relação de problemas resolvidos? Estaríamos no momento harmonioso entre mídia e religião? A imprensa cansou? Quem venceu? Há tantas perguntas nesta relação, algumas delas serão ampliadas neste artigo.

2 JOHANN GUTENBERG E SEU INVENTO²

Nascido em Mainz, na Alemanha, por volta de 1400 (entre 1394 e 1404), é um dos principais protagonistas da montagem de uma prensa melhorada, um pré-requisito para a formação da impressão tipográfica. Inicialmente trabalhava como ourives, até aprender, na cidade de Estrasburgo, a arte gráfica. Ao retornar a sua

² Em alguns livros grifado com “m” e em outros com “n”, aqui utilizaremos “m”.

cidade natal, no ano de 1448, tinha o sonho de imprimir uma Bíblia.

Para poder financiar seu empreendimento, procurou ajuda de Johan Füst, um advogado que adiantou um valor para iniciar o projeto. Régis Debray, comenta este “casamento” entre uma boa ideia e o capital a ser investido para esta tornar-se realidade.

O papel não é somente um acelerador: é também um redistribuidor de excedentes e, antes de tudo, financeiros. Desencadeia a primeira industrialização da memória e, pelo viés de um consumo de massa do suporte escrito, a entrada da troca simbólica no plano comercial. Um livro impresso é um suporte vegetal, uma reserva metálica (chumbo, estanho) e um saber prático (artesanato do metal). O suporte custa caro: 60 a 70% do preço de custo. Daí, a necessidade de capitais para colocar em ação os fatores de produção. Nascimento do trio, de que ainda não nos livramos, banqueiro-impressor-livreiro. Reunião em Mayence de um banqueiro que pretende fazer frutificar seu dinheiro, de um copista que conhece seus textos e de um trãnsfuga da corporação dos ourives: Fust, Schöffer, Gutenberg. (DEBRAY, 1993, p.212)

Percebemos aqui uma pirâmide ainda comum nas tramitações comerciais dos dias de hoje, onde circundam em uma necessidade mútua o capital, o fabricante e o distribuidor. O capital desde esta época parece realmente ser o combustível para a explosão de qualquer tipo de empreendimento.

Os custos aumentaram e Gutemberg solicitou mais dinheiro, dando como garantia a própria oficina. No ano de 1455, Füst executou o crédito e, um ano depois, era publicada a Bíblia Mazarin, conhecida como Bíblia de 42 linhas, toda em letras góticas, com 642 páginas. Ela continha ainda algumas ilustrações que lembravam os vitrais de basílicas cristãs.

Foram impressos 180 exemplares (150 em papel e 30 em pergaminho), restando atualmente 48 originais. Estes primeiros exemplares foram fabricados com a ajuda de pouco mais de 20 auxiliares, chamados orfebres. Depois do feito, dizem que Gutemberg teria dito uma frase que sabemos que é uma grande verdade: “um exército de 26 soldados pode conquistar o mundo através da imprensa”, referindo-se ao poder da imprensa através da divulgação rápida de alguma ideia.

A forma como Gutemberg conseguiu é explicada por Melvin De Fleur, no Livro Teorias da Comunicação de Massa.

A impressão, como a conhecemos, não foi possível até um obscuro ourives de Mainz, na Alemanha, um Johann Gutenberg, conceber um meio original de fazer tipos. Após muita experimentação, desenvolveu a idéia [sic] de fazer um molde de aço para cada letra, laboriosamente entalhado numa determinada forma. Então, ele poderia perfurar a imagem em um pequeno quadrado de metal mais mole, como o bronze. Fez um pequeno molde barro em torno do caractere, de modo que o chumbo quente pudesse ser

despejado dentro para fazer um molde de letra. Esse molde poderia ser utilizado repetidamente, para moldar quantas letras individuais o impressor quisesse. Uma vez isso feito, as letras poderiam ser alinhadas em uma bandeja para formar palavras e frases. Bem firmes, poderiam ser molhadas com tinta, e um pedaço de pergaminho ou papel podia ser comprimido sobre elas. Daí resultaria uma imagem bem nítida. O chumbo mostrou-se mole demais, mas Gutenberg acabou descobrindo um meio de misturar chumbo com outros metais numa espécie de liga que funcionou muito bem mesmo. (DEFLEUR, 1993, p. 38)

Neste trecho, fica nítido que o espírito empreendedor do negócio realmente era Gutemberg, mais do que isto, foi persistente e inovador quando percebia através de experimentos iniciais que não estava tendo êxito, imediatamente testava novas formas para dar sequência a seu projeto.

Sabe-se que o invento barateou o livro, tornando-o mais acessível a um número maior de pessoas. Antes disso, os livros eram manuscritos, exigindo grande tempo para serem produzidos. Com a tipografia, depois de feito o trabalho com a composição de metal, puderam ser feitas infinitas cópias aproveitando a mesma mão-de-obra inicial, diluindo os custos em cada exemplar. Mesmo assim, durante os primeiros 150 anos de existência, a tipografia imprimiu apenas livros e folhetos.

A impressão revolucionou a disseminação de qualquer informação, a primeira impressão tem data em 800 d.C, como confirma De Fleur.

Até o processo de imprimir uma página inteira de letras, pacientemente cavando-as em um bloco de madeira lisa, com a imagem invertida, e depois passar tinta e apertar em cima de um papel ou de outra superfície lisa, fora compreendido havia muito tempo. Os chineses haviam feito isso e imprimido o Sutra do Diamante, o primeiro livro do mundo, por volta do ano 800 d.C., séculos antes de a impressão surgir na sociedade ocidental. Todavia, estava longe do sistema de utilizar letras individuais moldadas em metal. (DEFLEUR, 1993, p. 37)

Alguns autores defendem que a publicação mais antiga da tipografia europeia seria o “Weltgericht” – Juízo Final – de aproximadamente 74 páginas, supõe-se que foi uma espécie de teste antes da publicação de maior escala com a Bíblia. DeFleur comenta as primeiras impressões:

Bem mais recentemente, ingressamos na Idade da Imprensa. Podemos fixar um tempo exato (1455, na cidade alemã de Mainz). Embora aproximações grosseiras da imprensa possam ser encontradas em épocas mais recuadas da história, o primeiro livro foi produzido por uma prensa que usava tipos móveis fundidos em metal, apenas poucas décadas antes de Colombo realizar sua famosa viagem. Quase da noite para o dia a tecnologia disseminara-se pela Europa toda. De lá partiu para outras partes do mundo e revolucionou a maneira pela qual desenvolvemos e preservamos nossa cultura. (DEFLEUR, 1993, p. 24)

Casa Füst e Schaeffer passou a ser o nome do empreendimento de

Gutenberg, agora já com dois sócios. A empresa se expandiu devido aos aprimoramentos da tipografia, no entanto, o inventor passou a ser desconhecido. Gutenberg sofreu com a cegueira nos seus últimos dias de vida, morrendo pobre em fevereiro de 1468.

Quase 500 anos depois, seu invento continua contrariando muitos teóricos e estudiosos que acreditam no fim da era da imprensa. Um exemplo é do canadense Marshall McLuhan, que, no livro *O meio é a mensagem*, de 1962, afirmou que o fim da impressão estaria chegando com a chegada forte das imagens. A era agora, segundo ele, seria a audiovisual. Sabemos que não foi assim e, atualmente, vivemos a era da informatização que também não desbancou o poder do impresso.

3 HOMEM, PODER E COMUNICAÇÃO

Embora sabemos que há visivelmente uma evolução da história do homem em sua breve passagem terrena, nota-se também que algumas características permanecem intactas. Uma delas é a relação e necessidade de poder vigente em todos os períodos. A comunicação passou a ter um valor real constituído para estes que necessitavam manter, conquistar ou impor o poder. No entanto, do outro lado, há alguém ou um grupo a ser conquistado que também possui, embora muitas vezes adormecida, esta sede natural.

Debray relata esta relação entre a subordinação e o subordinado no seu livro *O Escriba – Gênese do político*.

A força pura é uma abstração filosófica. Nenhuma subordinação real é possível entre pessoas sem a intervenção de um elemento simbólico, idealidade lógica ou valor moral. O interesse de todo poder político consiste então em se expor como sujeito metafísico, suporte de valores universais a fim de ocultar a física dos riscos. Confundindo fim real e finalidade ideal, móvel e motivação, o poder político reabsorve sua função essencial – coletar excedentes e excessos – na missão moral ou metafísica na qual se coloca como simples executante. (DEBRAY, 1980, p. 62)

Régis Debray também comenta a necessidade de uma virtualidade fundadora e de uma nomenclatura para tal feito.

Mesmo brutal ou repressivo, o próprio poder político se remete, por necessidade, a uma virtualidade fundadora, que faz da sujeição uma obrigação exercida em nome de um nome: Lei ou Povo, Raça ou Nação, Classe, Deus, Alá, Progresso, Civilização, Humanidade, etc.” (DEBRAY, 1980, p.62).

E, por fim, discorre sobre a necessidade de um “chefe” para gerir tudo isto,

que terá a missão de coordenar e gerenciar a outra classe. Antes da chegada da prensa de Gutemberg, a igreja tinha a consciência de que este “chefe” era ela mesma, através de seus líderes religiosos, que, de um modo “ditador disfarçado”, impunha suas ideias ao povo, como se tivesse uma ligação única com a divindade, na maioria dos tempos chamado “Deus”. Talvez a preocupação da igreja com relação à chegada da prensa não estava ligada ao fato de simplesmente o conhecimento ser difundido, se não a consciência de que o poder vem das bases, como confirma Debray em uma bela metáfora entre cabeça e pés.

Tentem e vocês verão: os chefes voltarão sozinhos, por seus próprios membros. A ilusão vem do fato de que todo chefe tem seu domicílio legal no alto, por etimologia (*caput*, a cabeça); mas sua genealogia real faz com que ele venha de baixo. Cortem-lhe a cabeça, ela crescerá de novo sozinha. Ela, ou uma outra. Assim como a “hominização” biológica, a hierarquização política se faz pelos pés. O estágio de pé do primata liberta sua cara da busca alimentar, e sua mão das tarefas locomotoras. (DEBRAY, 1980, p. 76)

Parece que a igreja tinha ciência deste fato, talvez por isto, rechaçou tanto a proliferação do conhecimento através da prensa, o novo invento de Gutemberg tratava-se, sim, de uma ameaça. Mesmo possuidora de tanto poder financeiro, a ameaça não poderia ser identificada, pois não movimentava características visíveis de identificação do “inimigo” e, sim, movimentava o modo de pensar das pessoas, um verdadeiro caos para quem domina. A leitura tem o poder de ir além do discurso, pois possibilita a reflexão a partir do conhecimento individual, talvez, mais assustador para a igreja, seria o que estaria além dessa simples comunicação, o que estaria na chamada paralinguagem, como nos explica Juan Bordenave:

Estaria totalmente errado aquele que pensasse que o que se transmite na comunicação é somente o DISCURSO, isto é, a mensagem principal codificada deliberadamente pelo comunicador. Na prática, em todo ato de comunicação, a mensagem central vai acompanhada de uma série de mensagens secundárias, o que constitui a paralinguagem. (BORDENAVE, 1995, p. 25)

Imagine o descontrole gerado a partir da leitura por diversas pessoas, cada uma com seus códigos, signos e vivências e com interpretações a partir de seus conhecimentos. Realmente, devemos entender a preocupação da igreja. Definitivamente estava diante de seu maior inimigo.

Esta reação é o que veremos na próxima seção, tentando identificar algumas das reações da igreja diante da prensa. Sua dúvida em escancarar sua contrariedade ou manter-se firme e bem posta como poder absoluto sem viés para

nenhum tipo de abalo, com um discurso sólido de que o que diziam e ou pregavam, não havia meios para discussão, pois se tratava de uma verdade absoluta que interpunha até mesmo o conhecimento humano, tratava-se de algo muito maior, indiscutível, enfim, divino.

4 A IGREJA DIANTE O NOVO INVENTO: A PRENSA

Pensemos, se, no início do século XII, já havia regulamentação com relação a espetáculos cênicos, teatros e manifestações públicas, certamente a chegada da imprensa, com a possibilidade e a disseminação de várias obras, causaria um grande impacto. A igreja, nesses séculos, segundo Ismar de Oliveira Soares, repudiava qualquer tipo de manifestação cultural como de baixa categoria. “O papa Clemente I proibiu, no ano 400, o acesso à hierarquia aos homens que se casassem com ‘viúvas, repudiadas, prostitutas, escravas ou comediantes’.” (SOARES, 1988, p.31)

O controle dos processos de comunicação por parte da igreja nesses séculos era definitivamente rigoroso, embora já houvesse manifestações políticas e sociais contra o processo.

No entanto, parece ser de longa data a preocupação por parte da maior hierarquia católica a importância da comunicação. Não contentes apenas com as informações de seus cardeais e funcionários pagos para trazer informações, os papas também solicitavam auxílio de outras pessoas para terem contato com o mundo externo e, certamente, assegurar-se antecipadamente do que estava ocorrendo em seu “reinado”. Isto fica evidenciado no livro *Do santo ofício à libertação*, de Ismar de Oliveira Soares:

O papado, ciente da importância da informação, não apenas estabeleceu seus próprios canais, mas serviu-se de outros como atesta a carta de Clemente VI, escrita durante o chamado cativeiro de Avinhão, em janeiro de 1348, ao comerciante Alberto degli Alberti, proprietário de duas companhias comerciais em Florença. O papa solicitou os serviços de Alberti para manter-se a par das últimas novidades, podendo, desta forma, tomar decisões sem ser surpreendido pela desinformação. (SOARES, 1988, p. 33).

O encontro entre a igreja e a prensa, que agora possibilitaria a publicação de vários livros, disseminando ideias a um número maior e incontável de pessoas, fez com que a relação entre o homem e este novo objeto fosse repensada. No livro:

O escriba – Gênese do Político, Régis Debray, em um capítulo denominado “A lógica de Deus”, comenta as relações dos homens com as coisas e fica evidenciado pelo autor o fim desta relação que é categoricamente voltado a algum tipo de vantagem.

As relações entre os homens têm sempre coisas por objeto; as relações dos homens com as coisas passam sempre pelos homens. Esta dupla mediação é originária e categórica. O poder é uma relação entre sujeitos a propósito de objetos. Em outros termos, todas as formas de dominação do homem pelo homem tem por finalidade última a apropriação de certas coisas: da terra ou/e de seus produtos, dos corpos ou/e de sua força de trabalho, das fontes de energia ou/e de informação, da matéria de comunicação ou/e do raciocínio lógico. Mas se a finalidade é objetiva ou material, a relação é necessariamente moral ou lógica, uma vez que põe em relação um ser racional (“animal racional”) com um outro, que não se pode manipular como coisa inerte. (DEBRAY, 1980, p. 61-62)

No início do século XVI, já se produzia milhares de exemplares em várias línguas europeias, com isto a busca pela alfabetização deu um salto com a disponibilidade dos livros. A população, obviamente que ainda não em grande escala, tinha a opção da acessibilidade à leitura. Uma evolução? Talvez em nível social, porém para a igreja parecia estar nascendo um grande problema, como explica DeFleur:

Pela primeira vez, as Escrituras estavam acessíveis em outra língua que não o latim. Não mais podia a Igreja Romana guardar cautelosamente as escrituras sagradas graças ao emprego de uma língua antiga. A acessibilidade das escrituras pelas pessoas comuns, em suas próprias línguas, acabou levando a desafios à autoridade, e às interpretações de Roma. Um novo veículo de comunicação, pois, abriu caminho para protestos contra a estrutura religiosa e social existente. O surto do Protestantismo levou a novas modificações profundas que tiveram impacto na sociedade ocidental até os dias de hoje. (DEFLEUR, 1993, p. 39).

Roma rege a perda do controle sobre o sistema de comunicação e, de modo autoritário, demonstrando nitidamente seu desespero, age com rigor. Conforme Soares:

O controle sobre a produção do saber – privilégio alicerçado na concepção de poder absoluto do papado sobre toda a sociedade – passou a correr perigo após a difusão, pela imprensa, dos movimentos contestatórios dos séculos XV e XVI. A reação católica foi violenta e, visando atingir o mal pela raiz, passou a redobrar sua vigilância sobre a publicação de livros. Decorridos apenas 40 anos da publicação do primeiro livro por Gutenberg, a universidade de Colônia, sob os aplausos do papa Sisto IV (1471-1484), instituiu a censura prévia e mandou à fogueira os livros heréticos. (SOARES, 1988, p. 36)

Mesmo utilizando a imprensa para melhorar seu sistema de cobrança de indulgências, que eram anteriormente confeccionadas a mão, em 1487, através da

constituição Inter Múltiplas, nascia o primeiro documento sobre a imprensa vindo da igreja, demonstrando assim a preocupação de papa em definir um pensamento para impressão, verifica-se, aqui, que a justificativa para definir o que se poderia ou não publicar era dada no campo divino “No campo do Senhor deve-se semear apenas aquilo que possa alimentar espiritualmente as almas fiéis” (DALE, 1973, p.34).

Definitivamente, o poder estava ligado à imprensa desde seu surgimento, não demorou muito para outras profissões se darem conta disso. Os conhecidos “homens do escrito” estavam diante uma poderosa arma para atingir massas de uma forma muito eficaz, a de fazê-lo pensar.

A imprensa transformava o filólogo em agitador e, logo em seguida, o diretor de escola em comandante militar. Conferindo ao pensamento “um poder incomparável de penetração”, a imprensa utilizando o papel dotava, bruscamente, os homens do escrito com um sobrepoder sem precedentes, ampliando seu alcance de fogo e decuplicando sua cadência de tiro. “multiplicar os homens que pensam – dirá Pisarev, herói populista russo; eis o alfa e o ômega da evolução social.” A evolução, porém, reduz, Poe isso mesmo, o poder dos homens em posição de levar seus próximos a pensar (e, portanto, a agir), embora elevando-os acima daqueles que não têm acesso aos mesmos utensílios. (DALE, 1973, p. 214)

Para a igreja, muito pior que fazer as pessoas refletirem ou lhes dar a chance de terem novas visões sobre o que era até então imposto, era o fato de suas influências poderem estar perdendo forças, como indica Dale. “E, no imediato, tudo lhes dá razão. A imprensa não começou por produzir a cultura humanista, mas por reduzir a influência da antiga” (DALE, 1973, p.216)

Embora séculos tenham passado, a Igreja não perdeu totalmente seu poder, mas viu seu poder quase divino receber fortes críticas. Na atualidade, podemos vivenciar na proliferação de novas formas e interpretações de estar adorando a Deus. A comunicação, neste processo teve papel fundamental e a prensa de Gutemberg foi o invento que precedeu esta possibilidade de estarmos escolhendo e ou tendo novas visões do mundo em que vivemos.

REFERÊNCIAS

BORDENAVE, Juan E. Diaz. **Além dos meios e mensagens**: introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência. 7.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

DALE, Romeu. **Igreja e Comunicação Social**. São Paulo: Paulinas, 1973.

DEBRAY, Régis. **Curso de Midiologia Geral**. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. **O escriba** – Gênese do Político. Rio de Janeiro: Retour Edições, 1980.

_____. **O Estado sedutor**: as revoluções midiológicas do poder. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

DEFLEUR, Melvin; BALL-ROKEACH, Sandra. **Theories of Mass Communication**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Do santo ofício à libertação**: o discurso e a prática do vaticano e da igreja católica no Brasil sobre a comunicação social. São Paulo: Paulinas, 1988.